Resenha

CARRASCOZA, João Anzanello. *Caderno de um ausente.* São Paulo: Cosac Naify, 2014. 128p.

A certeza da despedida

João Anzanello Carrascoza é escritor e professor universitário, nascido no interior de São Paulo em 1962. Entre suas publicações podemos encontrar romances: *Aos 7 e aos 40* (2013), *Caderno de um ausente* (2014); literatura infanto-juvenil: *As flores do lado de baixo* (1991); adaptações: *A ilha do tesouro* (de Robert Louis Stevenson) (2002); e livros de contos, dentre os quais: *Hotel Solidão* (1994), *O vaso azul* (1998), *Duas tardes* (2002), *O volume do silêncio* (2006), *Aquela água toda* (2012). Suas obras já lhe concederam prêmios importantes como o Jabuti e APCA.

Caderno de um ausente (2014) é o segundo romance deste escritor, que retorna, mais uma vez, ao tema da ausência na presença. Vale destacar que a escrita do segundo romance está mais próxima de uma prosa poética, com a ruptura dos modelos românticos tradicionais, como já registrado por Beatriz Resende, quando do lançamento da obra. Isso pode ser percebido na estrutura formal do texto, em que há a presença contínua de lacunas. Estas estabelecem um paralelo com a vida real, ou seja, nossos dias estão repletos de espaços em branco que permitem que tracemos nossa própria história. Por outro lado, essas lacunas também representam os espaços deixados por quem está ausente, mesmo que, às vezes, esteja ao nosso lado, como podemos notar na sociedade atual, sempre em constante movimento, na qual, por vezes, não paramos para dar atenção a quem está ali, em nosso meio.

Esta parece ser a preocupação do pai, João, que não quer deixar essa lacuna na vida de sua filha, Beatriz, recém-nascida. Tendo convicção de que não viveria mais por muito tempo, já que contava com seus cinquenta e poucos anos, esse pai quer deixar registradas, dia após dia, suas aflições e emoções com a chegada deste pequeno e sensível ser. Mesmo que já tenha tido um filho, fruto de outro casamento, que agora já é adolescente, João demonstra-se encantado com Bia, pois sabe que seus dias junto a ela estão contados, e sua relação será restrita. Em várias passagens, o personagem demonstra agonia em relação a uma das únicas certezas da vida: a morte. Considerando que sua idade já está avançada, resolve anotar, em um pequeno caderno, tudo que gostaria de falar à filha, mas que, certamente, não teria tempo em vida. E essa espontaneidade da escrita, sendo quase como um rascunho diário, também pode ser identificada pelas lacunas, espaços em branco entre um momento de escrita e outro, entre um momento de aflição e outro. Como o romance é dividido apenas em seções, não há capítulos que delimitem ao leitor o momento de uma parada; assim, entre uma página e outra, a vontade é de virar mais uma e outra, para que se possa conhecer logo o final da estória.

Mesmo sendo um livro pequeno, de leitura prazerosa e rápida, permite ao leitor uma reflexão abrangente e profunda, uma vez que todos nós tememos a morte, tendo certeza que ela chegará em algum momento, mas não queremos deixar nada para trás, nenhum sonho a ser realizado, nenhuma palavra a ser dita, ou pessoa a ser amada. A obra aborda ainda outros aspectos, como o reconhecimento do valor das pequenas coisas da vida, tais como um passeio no parque, e a disparidade entre a complexidade do ser humano (corpo, mente, alma), mas sua simplicidade em relação à amplitude da vida. Desta forma, o romance pode ser lido

pelo público em geral: uma vez que a temática é universal, e a linguagem acessível. E o fato de ser uma obra não muito extensa, pode até favorecer sua leitura, uma vez que a população, de forma geral, não possui o hábito de dedicar tempo para essa bela e emocionante viagem que é a leitura.

Jenifer Royer Thiel[1]

[1] Mestranda em Letras, área de Literatura Comparada, pela Universidade Regional Integrada – URI, *câmpus* de Frederico Westphalen/RS.